

1. Teorias sobre a verdade

Quando afirmar que algo é verdadeiro? A resposta mais frequente está na evidência como critério da verdade.

Segundo a teoria da correspondência, representada na filosofia desde Aristóteles, é verdadeira a proposição que corresponde a um fato da realidade. Mas, é realmente possível conhecer o fato, já que o interpretamos a partir de nossas crença e percepção?

A expressão "mestres da suspeita" foi cunhada pelo filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) para designar os pensadores Marx, Nietzsche e Freud. Segundo Ricoeur, foram esses três pensadores que suspeitaram das ilusões da consciência. Por consequência, para descobrir a verdade, é preciso proceder à interpretação do que consideramos conhecer a fim de decifrar o sentido oculto no sentido aparente.

Karl Marx (1818-1883) - as ideias devem ser compreendidas a partir do contexto histórico da comunidade em que se vive, porque elas derivam das condições materiais, no caso, das forças produtivas da sociedade. As ideias vigentes, que aparecem como universais e absolutas, são de fato parciais e relativas, porque representam as ideias da classe dominante (ideologia).

Friedrich Nietzsche (1844-1900) - Para ele, o conhecimento não passa de interpretação, de atribuição de sentidos (valores), sem jamais ser uma explicação da realidade. Defende o perspectivismo, que consiste em considerar uma ideia a partir de diferentes perspectivas.

Sigmund Freud (1856-1939) - Desmente as crenças racionalistas de que a consciência humana é o centro das decisões e do controle dos desejos, ao levantar a hipótese do inconsciente. Diante de forças conflitantes, o indivíduo reage, mas desconhece os determinantes de sua ação.

Vimos que, no correr da história humana, existiram diversas maneiras de compreender o que é a verdade. O critério da evidência prevaleceu na Antiguidade e na Idade Média e sofreu alterações na modernidade, com Descartes, que não renunciou à possibilidade do conhecimento. Posteriormente, as posições conflitantes entre dogmáticos e céticos nos ensinam a desconfiar das certezas, postura que se tomou mais aguda na contemporaneidade. Se não sucumbirmos ao ceticismo radical - que em última instância recusa a filosofia - nem ao dogmatismo - que se aloja na comodidade das verdades absolutas - poderemos melhor suportar o espanto, a admiração, a controvérsia e aceitar o movimento contínuo entre certeza e incerteza. Isso não significa renunciar à procura do conhecimento, porque conhecer é dar sentido ao mundo, interpretar a realidade é descobrir a melhor maneira para agir. A verdade continua como um propósito humano necessário e vital, que exige a liberdade de pensamento e o diálogo, para que os indivíduos compartilhem as interpretações possíveis do real.

Concluimos que as posições conflitantes entre dogmáticos e céticos nos ensinam a desconfiar das certezas, e que a verdade continua como um propósito humano necessário e vital, que exige a liberdade de pensamento e o diálogo, para que os indivíduos compartilhem as interpretações possíveis do real.